

BREVE CANÇÃO: REMEMORAÇÕES E PORVIR EM UMA POSSÍVEL E CONTÍNUA COMPOSIÇÃO DE MIM

Brief song: memories and future in a possible and continuous composition on me

Fernanda Cougo Mendonçaⁱ
cougo.fer@gmail.com

UFAC, Companhia Casmerim
Acre – Brasil

Abertura

Ou Isto Ou Aquilo
Cecília Meireles, 1987

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
Quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e não guardo o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Atuo aqui como uma espécie de barda ou *griote* de mim mesma... nesse sentido, invoco as musas (gregas, africanas, indígenas... Cecílias...) para que cantem e dancem ordenando, por meio das palavras, o possível caos de minha formação e atuação como artista, educadora, pesquisadora, aprendiz, mestra... e unindo fragmentos aparentemente dispersos e desconexos componho essa breve canção que se pretende unificada. Mas dificilmente uníssona. Talvez,

como o soar dos aulos, a dissonância permita ecoar algo novo, revelador. Me valho, por vezes, de metáforas para procurar dar visibilidade a memórias e reflexões que só existem no mundo invisível do meu pensamento. Palavras, ritmos que, ao mesmo tempo em que ordenam o caos, deslocam sentidos e desordenam lógicas e racionalidades que se querem lineares e absolutas. Palavras e memórias que não trazem o “real vivido”. Que são antes, reconstruções do passado, a partir do tempo presente. E que, portanto, se movimentam de acordo com as nuances de lembranças e esquecimentos e com os interesses em jogo nesta narrativa. Jogos de iluminação e escuridão; silêncio, voz, performances e silenciamentos... Rememorações que são vivas em meu corpo e tecidas aqui/agora com as letras fixas, grafadas no espaço do papel em branco, para serem narradas/lidas por outrem. Minha escritura objetiva dar a conhecer fragmentos de quem sou, a mim mesma e a quem me lê, e nesse mesmo movimento, clarear sonhos de futuros possíveis (e quem sabe até impossíveis). E é assim que meu viver dinâmico, instável, vulnerável, se torna história; da qual sou, portanto, sujeita, intérprete e narradora.

Como pontua Delory-Momberger, o que dá forma ao que vivemos, às nossas experiências, são as narrativas que fazemos e, nesse sentido, “a linguagem é o espaço onde se fabrica, ao mesmo tempo e indissociavelmente, uma ‘história’ e o ‘sujeito’ dessa história”. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.364). Teço e desteco a história e a mim mesma, como Penélope à espera do amado e, nesse processo, não pretendo produzir uma peça (ou artigo) dentro de padrões pré-estabelecidos. Me valendo das proposições de Boaventura e concordando que todo conhecimento é autoconhecimento, procuro me aproximar de uma epistemologia (ou poética) da experiência humana; minha narrativa escrita se aproxima, portanto, do sujeito, ou melhor, da sujeita empírica – no caso, eu mesma (SANTOS, 2018); dessa pessoa que não é, mas está sendo - como nos lembra de maneira extraordinária o poeta da Martinica (GLISSANT, 2005); sendo integralmente em pensamentos, sentimentos, ações, palavras, acordes e dissonâncias; inteira, mas não completa. Mulher, sigo me constituindo, em movimento, na linguagem e na contínua dança e complementariedade do yin/yang; luz/sombra; ciência/religião; racionalidade/intuição; permanências/inquietudes; conformismo/ resistência; prosa e poema.... Na imprevisibilidade do caos-mundo, como bem assinalou Glissant (2005).

A presente escritura é, também, fruto e conclusão da minha participação como aluna especial na disciplina ministrada pelas professoras Ana Cristina Carvalho Pereira e Rosvita Kolb Bernardes para turmas de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGA-EBA-UFMG). Diante da

solicitação de escrita de um artigo que adotasse os temas discutidos durante as aulas como referência e se inserisse, portanto, na temática: “Narrativas de Si e o Ensino de Arte”, me proponho a revisitar e a trazer à tona notas de experiências vividas/esquecidas/lembradas/recriadas/ressignificadas/narradas/escritas no e a partir do aqui/agora; e a, quem sabe, imaginar/sonhar/iluminar/desenhar/criar ou, pelo menos, interrogar possibilidades de caminhos futuros (no mesmo rumo ou, talvez, em outra direção). Como pontua Josso:

É no decurso desta situação, em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa, de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência reforçada dos seus recursos e fragilidades, das suas valorizações e representações, das suas expectativas, dos seus desejos e projetos (JOSSO, 2012, p. 23).

Cantata

Movimento 1

Após a conclusão do mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, na Universidade Federal do Acre em 2016, cursei a segunda licenciatura (agora em Pedagogiaⁱⁱ) e me dediquei, entre outras atividades, a tecer um “memorial descritivo” para o concurso do Núcleo da Educação da Infância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI – UFRN). Também para a prova didática do referido concurso preparei e realizei uma aula-performance-jogo, com crianças da educação infantil. A aula/prova teve como tema sorteado a cidade do Natal-RN e escolhi abordá-la tomando como referência manifestações artístico/culturais – materiais e imateriais - de distintos grupos/localidades dela constituintes. Com o objetivo de contribuir para que, no interior e a partir de uma educação do ser poético (ANDRADE, 1974), de poéticas da diversidade (GLISSANT, 2005) as crianças fossem estimuladas a conhecer e valorizar o patrimônio cultural de seu grupo social e, ao mesmo tempo, se interessar em conhecer outras formas de expressão cultural; a perceber aspectos da diversidade cultural, histórica, socioeconômica, humana, paisagística da cidade e construam identidades plurais (BRASIL, 1997, v.6). Pratiquei a narração artística de histórias utilizando diversos recursos lúdicos tais como a boneca Yayá (uma mamulenga feita por mim na oficina do Giramundo Teatro de Bonecos)ⁱⁱⁱ; peixes e outros habitantes do mar (reais e fantásticos) que confeccionei com uma amiga, utilizando feltro; tecidos, fotografias, barquinhos de papel e outros adereços. As crianças tiveram a oportunidade, ainda, de trabalhar a linguagem oral conhecendo e/ou reproduzindo

com voz e corpo em movimento, canções e brincadeiras de repertórios da cultura popular regional, que permearam a história.

Foi uma espécie de aula-espetáculo apreciada pelas crianças e também pela banca avaliadora. Bom, somando-se a outras provas do certame, o resultado foi que fui aprovada e em março de 2018 convocada para assumir o cargo de professora! Mas, pasmem, decidi não aceitar.

Uma experiência extremamente impactante na minha vida. Por vários motivos. Passei no tão almejado concurso que poderia me trazer estabilidade e a possibilidade de trabalhar com crianças, em uma escola de qualidade com um salário decente. Fiquei me sentindo muito capaz! Na prova didática me encontrei e fui reconhecida pela banca como uma narradora; contadora de histórias. Mas, mesmo assim, decidi não me deslocar do interior de Minas Gerais para a capital do Rio Grande do Norte a fim de assumir o cargo. Não me senti atraída pelas condições da vida urbana naquela localidade, naquele período; apesar das praias maravilhosas e povo hospitaleiro. A partir dessa decisão, desse lugar, o que fazer?

Começo a narrativa em um passado próximo e, conforme já anunciado, não percorro um caminho linear, mesclando memórias evocadas a partir de reflexões do tempo presente e indagações, conjecturas acerca do porvir... Concordo com Delory-Momberger (2006) que este seja um exercício focado na formação docente. Mas também devo concordar com Josso (2012) que se trata de uma prática extremamente terapêutica que brota de/atravessa meu corpo-eu.

Movimento 2

Neste segundo movimento, componho um breve apanhado da minha formação e atuação como artista-educadora ou educadora-artista. Uma espécie de pot-pourri.

Quando me mudei para o Vale do Matutu, Aiuruoca-MG, vizinho à Serra do Papagaio, no interior de Minas Gerais, em 2002, trazia comigo o diploma de professora formada no curso Normal pelo Instituto de Educação de Minas Gerais e uma vontade de realizar um trabalho de arte, educação, cultura com as crianças da região. E assim foi. De 2002 a 2013 trabalhei nesse sentido, em parceria com a comunidade local. Diante de meu encantamento em relação às poéticas, às culturas da infância, procurando subverter modelos de opressão infelizmente presentes na educação formal, passei a me dedicar a projetos educacionais “extracurriculares”. E fui, aos poucos, criando, formatando e realizando o que hoje chamo de Companhia Casmerim: Ação Cultural para o Bem Viver^{iv}. Acredito que o teatro, a dança, a música, as artes

verbais/literaturas orais e escritas, as histórias contadas e cantadas, as brincadeiras, as diversas manifestações culturais de distintos povos e grupos étnicos... São lugares de encontro, de trocas pessoais em tempo presente. São linguagens que expressam visões de mundo. De forma lúdica e interativa pretendo, nas atividades da Casmerim, que as crianças percebam/vivenciem as artes com fim em si mesmas, mas também meio; experiências vivas; linguagens que expressam imaginários, conhecimentos... E que permitem diálogos e contatos... Relações interpessoais e interculturais ativas e cooperativas... Ao longo desses onze anos de atividades estabeleci parcerias com atores e entidades locais, realizando projetos pontuais em espaços/tempos de educação formal e informal.

Missão: Ação Cultural para o Bem Viver (Sumak Kawsay) (FREIRE, 1981; HUANACUNI, 2010). Verter o vapor poético em prol da Mãe Terra e dos seres que nela habitam. Sob inspiração do encanto de Casmerim (MENDONÇA; ARAÚJO, 2018), objetivo: Favorecer a educação/expressão do ser poético e trazer à tona estéticas das diásporas (HALL, 2003); poéticas da diversidade (GLISSANT, 2005); ecos da alfabetização ecológica (CAPRA, 2006). Percebendo e utilizando a palavra em suas dimensões de ação e reflexão; de conscientização. Fazer soar (sonhar) contos, cantos, poéticas, seres, saberes, linguagens, performances, visões de mundo... culturas enfim; culturas não hegemônicas; repertórios de resistência que, acredito, podem contribuir para a descolonização de percepções e pensamentos; para a expansão dos imaginários, das paisagens poéticas; e para a constituição de atitudes de (re)conhecimento, contato, valorização, cooperação, empatia, amor e cuidado consigo mesmo e com o Outro; com a Terra, Nosso Lar.

A Casmerim é fruto de muitos estudos e caminhos. Ela constitui uma experiência viva e central em minha formação/atuação como pesquisadora-educadora-artista. Experiência que proporciona contínuos aprendizados no contato com os interlocutores. E que impulsiona novos estudos, novas ações. Trata-se de um laboratório vivo.

Dando uma volta no tempo, importa destacar que nasci no dia quatro de novembro do ano 1980, na capital mineira, Belo Horizonte. Cidade onde vivi até os meus vinte e um anos. Tive o privilégio de nascer em uma família que valoriza a formação humana integral. Na escola Balão Vermelho, em Belo Horizonte, tive minhas primeiras aulas de teatro, música e literatura. Ali aprendi a pesquisar, a questionar, a realizar trabalhos em equipe, a poetizar.... Na casa dos avós, por sua vez, nos almoços de família, era agraciada pelos espontâneos e belos saraus de meu avô ao piano; e aqui fui introduzida em repertórios da música popular brasileira. As

oportunidades para expressar meus “dons” artísticos eram muitas. Recitava poesias, lia histórias inventadas, elaborava e apresentava encenações...

No ano de 1990 tive uma experiência profundamente significativa que, ainda na aurora da vida, descortinou para mim novos horizontes. Acompanhando meus pais fui iniciada nos mistérios da Ayahuasca^v dentro do contexto da doutrina do Daime^{vi}. Novas cores, novos tons, ritmos, timbres, vozes, histórias, bailados, pessoas, culturas enfim, começaram a fazer parte de minha vida, de meu ser. Em 1993 tive a oportunidade de viajar ao Acre e ao Amazonas e conhecer localidades, mulheres, homens, jovens, crianças, anciões e suas histórias que fizeram brotar em mim o gosto por culturas ditas “populares”; culturas amazônicas, ribeirinhas, indígenas, afro-brasileiras... Culturas brasileiras compostas no interior e a partir das diásporas. E retornei à região inúmeras vezes ao longo da vida.

Retornando a narrativa para o Matutu, durante meu percurso profissional/pessoal senti a necessidade de contínua capacitação. Contudo eu não tinha nem a vontade, nem a intenção de sair da “roça”. A chegada da internet à região abriu novas possibilidades e foi então que, no ano de 2008, ingressei no curso de Licenciatura em Artes, do Centro Universitário Claretiano, na modalidade de educação à distância, com um encontro presencial por mês em Belo Horizonte (e bolsa integral pelo PROUNI). O referido curso possuía uma abrangente organização curricular e não tinha a pretensão de formar um professor especialista em uma das áreas da Arte. Ao contrário, a proposta ia ao encontro de um “profissional polivalente”. A referida abrangência, em um curso de três anos de duração, proporcionou uma visão interdisciplinar no campo da Arte na Educação e indicou possíveis caminhos de práticas e pesquisas. Não permitiu, contudo, o aprofundamento necessário nas linguagens artísticas. Por isso, durante a graduação procurei livros e cursos livres que me proporcionassem maior embasamento prático/teórico em áreas que me interessavam como educadora-artista. E para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso iniciei os estudos “acadêmicos” a respeito da doutrina do Daime e suas matrizes histórico-culturais. O artigo então gerado “Arte na escola e as matrizes culturais do Santo Daime” acabou rendendo comunicações e um capítulo de livro (MENDONÇA, 2016b).

No decorrer dos anos as dificuldades em realizar os projetos, o baixo retorno financeiro, chegaram a um limite. E resolvi buscar novos horizontes. Pensei em um mestrado.... Diante dos estudos da graduação, nutri o desejo de aprender um pouco mais da/com a “cultura daimista”. O Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do

Acre, com Bolsa Capes, foi uma abertura que possibilitou meu deslocamento para a capital acreana, no intuito de dedicar-me a essa empreitada.

Encontrei nas obras de Stuart Hall (2003) e Raymond Williams (1979), teóricos dos Estudos Culturais, o referencial teórico-metodológico inicial que inspiraria minha pesquisa. Referencial que me permitiu entender que o terreno da cultura/identidade/linguagem corresponde ao da produção de sentidos, onde se dá uma luta de valores. Nesse sentido, realizei um exercício de desnaturalização, destacando os embates presentes na linguagem, nos discursos sobre o Outro. No caso, discursos sobre as Amazônias, seus povos e culturas, incluindo-se aí os usos da Ayahuasca (com seus muitos nomes). Nesse processo a pesquisa sofreu uma modulação tonal e aproximou-se da pessoa, da vida, da voz de Luiz Mendes, ancião daimista conhecido como o orador do Mestre Irineu (cf. MENDONÇA, 2017).

A partir desses maestros, em um coral de muitas vozes o estudo, situado no terreno de oralidades amazônicas, tem como principal referência o documento oral. E aqui Alessandro Portelli (2010) é quem dá o tom para a abordagem metodológica. Fundamentada em suas proposições me dispus a aprender com Luiz Mendes e não sobre ele. E pude me surpreender com o que o narrador tinha a dizer. Procurei estabelecer um efetivo diálogo. E experimentei muito mais do que entrevistas ou mesmo conversas: vivenciei a arte de ouvir e contar histórias. Mergulhei em memórias, lógicas, saberes e fazeres, artes verbais e poéticas amazônicas. No campo teórico, me aproximei das considerações de Benjamim (1994) acerca do narrador e de suas críticas ao capitalismo moderno e ao esvaziamento da experiência coletiva. Com Antonacci (2014) iniciei um mergulho em comunidades de tradição oral. No corpo, com suas memórias e voz. Na literatura oral como terreno de lutas simbólicas. Chego ao incrível memorialista, contador de histórias africanas Hampâtê Bá (2003). E mais à frente ao poeta e intelectual martinicano Édouard Glissant (2005) e sua poética da diversidade, da relação. Chego ainda ao memorialista, linguista e pensador Paul Zumthor (1993; 2010) que em suas conjecturas acerca da letra e da voz, das performances, da poesia oral, das artes verbais, desponta como importante referência. Destaco ainda as reflexões de Boaventura de Souza Santos (2018) acerca de uma Epistemologia do Sul, fundamentada em ecologia de saberes, em contraposição à monocultura da ciência moderna ocidental.

Em resumo, a literatura oral, as artes verbais me cativaram tanto quanto a epistemologia da Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2011) e as estéticas das diásporas (HALL, 2003). Desembocando em uma poética da diversidade/ relação elas constituíram o eixo da pesquisa.

Eixo a partir do qual me aproximei de, e procurei dialogar com, Luiz Mendes; suas linguagens e identidade, textos e contextos, memórias e narrativas, saberes e fazeres; voz, performances e poéticas. Uma voz que ressoa no interior e a partir da doutrina do Daime, de êxtases místicos, de contextos amazônicos. Aproximei de suas memórias sem arquivos, memórias ancoradas em seu corpo e da voz poética que desse corpo emana, suas performances, suas artes verbais, procurando trazer à tona os ecos de um artista da voz em seu ofício manual que constitui a arte de narrar.

O Mestrado foi um marco, um divisor de águas para mim e, conseqüentemente para minha atuação na Casmerim.

Movimento 3

Para iniciar esse terceiro movimento retorno àquela indagação: diante da aprovação no concurso e da escolha de não ir, o que fazer? Almejo me encontrar, mulher, *anahembra*^{vii} (OYEWÙMÍ, 2017), nos ecos de todos os nomes da Deusa (CAMPBELL, *et. al.* 1997)!? Mas onde? Quem ainda os escuta? Quem ainda os faz ressoar? Oh musas, venham cantar e dançar...

Uma das professoras da banca do NEI-UFRN ficou minha amiga e seguiu me incentivando a contar histórias. Então lembrei do processo de pesquisa/escrita da dissertação e resolvi criar uma palestra-performance ou palestra espetáculo.^{viii}

Em 2018 vivenciei, com a Casmerim, a primeira sessão de Narração Artística de Histórias para públicos de todas as idades, na Oca-Soma, Vale do Matutu. Um espetáculo híbrido! Um experimento cênico, onde fundamentada na pesquisa de mestrado criei e apresei trechos de palestra entremeados por cantos tradicionais e por narração de histórias. Um diálogo ético e estético com contos, cantos e encantos nascidos de profundas experiências de um ancião das/nas Amazônias, com o Daime: um dos muitos nomes e usos da Ayahuasca (ciência da floresta; planta professora, habitada por uma Mãe. Rainha da Floresta. Lua Branca. Voz da Deusa Universal). Foi uma experiência fantástica!

Desejei compartilhar essa experiência, saberes, literatura oral-ayahuasqueira-amazônica com mais pessoas. Assim, no mesmo ano realizei uma campanha de financiamento coletivo no intuito de publicar a dissertação em formato de livro. A campanha foi um sucesso e o livro “O orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: diálogos, memórias e artes verbais” foi publicado em coautoria com Luiz Mendes (MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019)

Ainda em 2019, para os lançamentos do livro, realizei no Matutu e em Belo Horizonte e região, aquela mesma palestra-espetáculo à qual dei o nome de: “Poéticas Amazônicas da Ayahuasca”. Em 2020 fui convidada para dar uma palestra na sessão temática: Música, linguagem, identidade e poética na cultura daimista, do I Encontro de Pesquisadores do Santo Daime, um projeto de extensão da Universidade Federal do Acre. Também em 2020, em parceria com a Rádio Cruzeiro Universal, realizei o projeto Histórias do Mestre Conselheiro Luiz Mendes, onde apresentei episódios de narração de histórias. No presente ano de 2021 participei dois eventos especiais: No Festival Verão na Montanha de São Lourenço- MG apresentei o ciclo de Narração Artística de Histórias “Agroecologia em Contos”! Uma honra contar histórias do livro da dra. Ana Primavesi^{ix} (2016). E no Festival Iluminária, Araçatuba – SP, realizei uma palestra germinal sobre a arte de contar histórias e a constituição de projetos poético-pedagógicos. Ainda em 2021 fui convidada para apresentar “Poéticas Amazônicas da Ayahuasca” no V Colóquio Internacional Diálogos Sul-Sul, na UFAC; e com a mesma apresentação fui selecionada no edital do 32º Inverno Cultural da UFSJ! Grande satisfação! E sigo os estudos cursando algumas disciplinas isoladas em diferentes programas de Pós-Graduação. Imaginado a possibilidade do doutorado.

Tradições e Literaturas orais; mitologias; oralidades. Trânsitos; traduções. Narração, Letras, Vozes, Corpos, Vidas, Memórias, Performances; Mulheres, Musas, Poéticas, Povos, Diversidades, Ecologias, Culturas, Saberes não hegemônicos, Encantamentos e Lutas que se estabelecem na Linguagem me orbitam, me atravessam; ecoam e encontram eco em meu ser/sendo. Inquietações, aspirações, intuições – aquilo que a gente não, vê, não pega, mas sente!

Parece que me desloco ainda mais do campo da Arte-Educação para Arte como Ação Cultural - que é também Educação, como aponta o maestro Paulo Freire (1981; 2014). Será esse um projeto de futuro que se delinea? Talvez. O que sei é que me causa encantamento! E como diz o poeta das miudezas: “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (BARROS, 2006). Sigo escutando, lendo e contando histórias como estratégia para “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Notas de fechamento (talvez...)

Que tarefa essa de trazer à tona memórias que, embora possuam aqui e ali suportes externos (diplomas, artigos, fotos, etc.), no mais profundo de sua significação são memórias ancoradas em meu corpo; são as *minhas* memórias... uma experiência subjetiva, contraditória e desafiadora. Subjetiva porque a memória é experiência; é vida; é movimento. É também fragmento, pois, não se pode conservar, na plenitude, tudo que foi... a memória é ainda seletiva, posto que, toda narrativa do passado é marcada pela perspectiva do presente. Trata-se, pois, de uma experiência, além de subjetiva, contraditória; como “descrever”, cristalizar, traduzir para a fixidez e limitação da escritura de algumas páginas, uma memória rica em vicissitudes e vivacidade; fluída, subjetiva e seletiva? (Cf. ANTONACCI, 2014; LE GOFF, 2013).

Sabendo dos silenciamentos que toda narrativa produz, na tessitura do texto tenho a lamentável certeza que excluo notas, acordes e mesmo trechos inteiros da peça (que não se encontra finalizada). Assim, o que posso efetivamente compor/oferecer nesta brevíssima biografia temática é uma narrativa a partir de determinado ângulo, uma perspectiva. São notas da composição do meu passado. Gotas do oceano de infinitas possibilidades que é a vida. Vida que a fixidez do texto escrito somente é capaz de tocar de maneira tangencial. E, por isso, a composição dessa breve canção se torna uma experiência desafiadora; mas também instigante. Embora constitua uma espécie de “volta ao passado” é também um “passo para o futuro”.

Aqui ao invés de uma barda, *griote* ou tuxaua narrar histórias de vida ou feitos extraordinários de alguém no intuito de eternizá-los por meio da linguagem, produzo uma breve narrativa autobiográfica que se quer, também, poética; uma “narrativa de mim” que é exercício e projeto a um tempo pessoal e social; tendo em vista que “é no relato que ele faz suas experiências que o sujeito produz categorizações que lhe permitem apropriar-se do mundo social e nele definir seu lugar” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.369).

Para finalizar essa cantata gostaria de compartilhar, ainda, algumas notas que meu corpo, como lugar de memória e de potencialidade da voz, faz soar: Penso que sofro de *des-lugar*... Aprendi que tal fenômeno me permeia porque sou herdeira das diásporas... Fui cunhada em estéticas diaspóricas... Forjada no caldeirão da circularidade de pessoas e culturas no mundo... Sofro, em mim, poéticas da diversidade, ecologia de saberes... E não sei se sou daqui, dali ou de acolá... Se sou educadora ou artista, ou brincante, ou festeira... Se sou escritora, ou contadora de histórias, ou pesquisadora, ou professora, ou jardineira, ou do lar... Começo a

entender (acho) porque desde pequenina me causava tanto espanto e admiração, tanto gosto e inquietação, a poesia de Cecília... Ou isto ou aquilo....

Sigo ser/sendo inteira, a cada momento me refazendo! Inteira, mas não perfeita, não finalizada. E busco encontrar/(re)constituir memórias de quem sou/fui/serei me apoiando na estética da diáspora que “burla a essencialização da diferença dentro das duas oposições mútuas ou/ou” e pode “deslocar-nos para um novo tipo de posição cultural”. Uma posição que, adota como propósito a substituição do “ou” “pela potencialidade e pela possibilidade de um ‘e’ o que significa a lógica do acoplamento em lugar da lógica da oposição binária” (HAAL, 2003, p.344). Em um mundo de tanto “ou”, vou procurando formas para colocar em prática a lógica graciosa do “e”. Seria essa a possibilidade que a poeta, ainda no alvorecer de minha infância, sussurrava aos meus sentidos de maneira tão suave e bela?

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. *Epistemologia e saberes da Ayahuasca*. Belém: EDUEPA, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A educação do ser poético*. Publicado no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, 20/07/1974. Disponível em: <http://www.contiouta.com/a-educacao-do-ser-poetico-por-carlos-drummond-de-andrade/>. Acesso em 17/06/2016

ANTONACCI, Maria A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2014.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1ª a 4ª séries), v.6. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF, 1997.

CAMPBELL, Joseph; et. al. *Todos os nomes da Deusa*. Tradução Beatriz Pena. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CAPRA, Fritjof. Prefácio. In: *Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia o Oprimido*. 57. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Dá diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HUANACUNI, Fernando. *Buen vivir/ Vivir bien: Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas*. Peru: CAO, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. *Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala*. In: Educ. Real, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan. /abr. 2012. Disponível em:
http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acesso em 20/08/2021

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas: EDUNICAMP, 2013.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MENDONÇA Fernanda Cougo. *Descolonização de currículos, percepções e comportamentos na escola Serra do Papagaio: uma proposta de intervenção*. Muiraquitã – Revista de Letras e Humanidades. v. 4, p. 44-57, 2016a. Disponível em
<https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/1021> Acesso em 20/08/2021

MENDONÇA, Fernanda Cougo. *Arte na escola e as matrizes culturais do Santo Daime*. In: AGUIAR, V. A. S. ; SILVA, F. B. (Org.). *Fronteiras amazônicas: cultura e ensino de história*. Porto Velho: EDUFRO, 2016b, v. 1, p. 54-64.

MENDONÇA Fernanda Cougo. Luiz Mendes. In: ALBUQUERQUE, G. R.; PACHECO, A. S. *Uwakürü: dicionário analítico*. Rio Branco: Nepan Editora, 2017

MENDONÇA Fernanda Cougo; NASCIMENTO, Luiz Mendes. *O Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: diálogos, memórias e artes verbais*. Rio Branco – AC: NEPAN, 2019.

MENDONÇA, Fernanda Cougo; ARAUJO, E.M.F. Casmerim: um encanto da floresta. In: *Anais da XIII Jornadas Andinas de Literatura Latino-Americanas*. Rio Branco: Nepan, 2018. p. 332-341. Disponível em: https://www.academia.edu/44725708/Casmerim_um_encanto_da_floresta Acesso em 20/08/2021.

OYEWÜMÍ, Oyèronké. *La invención de las mujeres*. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá, Colombia, Editorial en la frontera, 2017.

PRIMAVESI, Ana. *A convenção dos Ventos: Agroecologia em contos*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. V.I; compilado por Maria Paula Meneses [et al.]. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ⁱ Artista, educadora e contadora de histórias. Graduada em pedagogia, licenciada em Artes. É Mestre em Letras: Linguagem e Identidades pela Universidade Federal do Acre (UFAC) e coordena a Companhia Casmerim: Ação Cultural para o Bem Viver.

ⁱⁱ Que me rendeu a publicação do artigo: Descolonização de currículos, percepções e comportamentos na escola “Serra do Papagaio”: uma proposta de intervenção (MENDONÇA, 2016a)

ⁱⁱⁱ Para saber mais sobre o Grupo Giramundo acesse: <http://giramundo.org/>

^{iv} Para saber mais sobre a Companhia Casmerim acesse: <https://linktr.ee/companhiacasmerim>

^v Ayahuasca é o nome quíchua de uma bebida utilizada milenarmente por muitos povos das muitas Amazônias. Ela é considerada uma planta professora, habitada por uma mãe, que transmite àqueles capazes de vê-la, ouvi-la, seus canto, visões e ensinamentos. Para saber mais acesse: <https://companhiacasmerim.wordpress.com/2018/08/12/ayahuasca/>

^{vi} A doutrina do Daime é herdeira das diásporas; expressão viva de uma poética da diversidade. Doutrina musical, cristã, que incorpora práticas de vegetelistas amazônicos e se constitui em torno de uma bebida milenar de origem indígena. Doutrina que tem como mestre fundador um homem negro, por nome Raimundo Irineu Serra. Homem da escola da oralidade, nascido no Maranhão no final do século XIX, que se deslocou para o Acre, para trabalhar na extração do látex. E no interior da floresta amazônica foi iniciado por caboclos peruanos nos mistérios da Ayahuasca. Adentrando à ciência dessa bebida estabeleceu contato com o ser que a habita, sua professora, Clara, identificada por ele como a Rainha da Floresta, a Virgem da Conceição, Senhora da Lua: uma Deusa Universal. Irineu escutou suas palavras e dela recebeu os ensinamentos. Passou por uma dieta própria da iniciação de xamãs amazônicos, por um período de aprendizagem e se tornou um grande curador e professor. No seio da Amazônia acreana recebeu e formou uma doutrina, a doutrina do Daime – nome que deu à Ayahuasca. Para saber mais acesse: <https://companhiacasmerim.wordpress.com/2018/08/12/o-daime-de-raimundo-irineu-serra/>

^{vii} Oyewùmi (2017) cunhou em sua pesquisa o termo/categoria “*anahembra*” para se referir às pessoas de sexo feminino antes da colonização. Para a pesquisadora o termo “mulher” coincide com as imposições patriarcais dos colonizadores.

^{viii} Todas as apresentações e projetos aqui citados podem ser apreciados em <https://linktr.ee/companhiacasmerim>

^{ix} Para saber mais sobre Ana Primavesi e sua obra acesse: <https://anamariaprimavesi.com.br/>